

DESORDEM INFORMACIONAL E PÂNICO: A NOVA GUERRA DOS MUNDOS VIA GRUPOS DE WHATSAPP ¹

INFORMATIONAL DISORDER AND PANIC: THE NEW WAR OF THE WORLDS VIA WHATSAPP GROUPS ²

Magda Rodrigues da Cunha*

Eduardo Campos Pellanda**

Rodrigo Muzell***

RESUMO:

O compartilhamento de informações por intermédio de grupos de *Whatsapp* define um novo formato de distribuição, resultando em um diálogo diferente do público com a comunicação, no qual desaparecem os ciclos temporais, numa perspectiva intensa e caótica. Esta mudança no ecossistema da mídia tem proporcionado situações de pânico, em certos momentos. As pessoas acreditam na informação, independente da veracidade e mesmo quando têm a comprovação contrária, seguem acreditando. Sendo assim, este texto se configura como resultado de investigação explicativa, bibliográfica e documental sobre o assunto. O objetivo é fazer uma aproximação entre o episódio de *A guerra dos mundos* - encenação de invasão marciana, transmitida pelo rádio, em 1938, nos Estados Unidos, e que levou a população americana ao pânico - e episódios recentes relacionados à troca de mensagens por grupos no aplicativo *Whatsapp*. A problematização passa pela observação de dois cenários distintos, com um intervalo significativo de tempo, mas com reações semelhantes de parte do público. O que determina essas reações semelhantes, em contextos teoricamente distintos? Sugestibilidade, ausência de referências mentais estáveis e influência da comunidade são aspectos comuns e que se mantêm ao longo da história? A transformação da tecnologia, do rádio em 1938, aos aplicativos via *smartphones*, amplifica estes comportamentos, com características

* Professora titular e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutora em Linguística e Letras pela PUCRS. mrcunha@pucrs.br

** Professor titular e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutor em Comunicação Social pela PUCRS. eduardo.pellanda@pucrs.br

*** Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da Escola de Comunicação, Artes e Design, PUCRS. muzell@gmail.com

muito próximas? Estas são algumas questões sobre as quais este texto pretende investigar e refletir.

PALAVRAS-CHAVE:

Whatsapp, pânico, desordem informacional.

ABSTRACT:

The sharing of information through *Whatsapp* groups defines a new distribution format, resulting in a different dialogue between the public and the communication, in which time cycles disappear, in an intense and chaotic perspective. This change in the media ecosystem has given rise to panic situations at certain times. People believe in information, regardless of its veracity and even when they have the opposite proof, they still believe. This text is the result of explanatory, bibliographic and documentary research. The goal is to bring together the episode of The War of the Worlds – a staging of Martian invasion, broadcast on the radio in 1938 in the United States, which caused the American population to panic – and recent episodes related to the exchange of messages by groups on the *Whatsapp* app. The problematization here involves observing two different scenarios, with a significant interval of time, but with similar reactions on the part of the public. What determines similar reactions, in theoretically different contexts? Suggestibility, absence of stable mental references and influence of the community are common aspects that have been maintained throughout history? Does the transformation of technology, from radio in 1938, to applications via smartphones, amplify these behaviors, with very similar characteristics? These are some questions that this text intends to investigate and reflect on.

KEYWORDS:

Whatsapp, panic, misinformation.

“Senhoras e senhores, tenho uma notícia muito grave para transmitir: por mais incrível que pareça, tanto as observações da ciência como a evidência de nossos olhos conduzem à conclusão irrecusável de que aqueles estranhos seres que aterrissaram hoje à noite na região agrícola de Jérsei são a vanguarda de um exército invasor vindo do planeta Marte. A batalha que acabou de ocorrer em *Grovers Mill* terminou com uma das mais aterradoras derrotas jamais sofridas nos tempos modernos. ” (Script A Guerra dos Mundos, 1998, p. 218)

Dias após uma menina de oito anos ser encontrada morta, em Porto Alegre, boatos sobre uma onda de raptos de crianças passou a circular no *Whatsapp*. Na tarde de uma terça-feira, moradores do bairro Mario Quintana começaram a trocar mensagens de áudio: o responsável teria sido encontrado. Dezenas passaram a perseguir o suposto assassino pelas ruas do bairro da periferia da capital gaúcha. Eventualmente, a informação circulante foi a de que a polícia havia prendido o culpado. Centenas de pessoas concentraram-se em frente a uma delegacia e por horas exigiram que policiais entregassem o “bandido” para a justiça popular. Policiais permitiram a entrada de líderes comunitários na delegacia para comprovar que ninguém havia sido preso. Minutos após, porém, o protesto recrudescia: abastecidos por informações desatualizadas nos grupos de *Whatsapp*, novos moradores chegavam ao local, em fúria.

As duas narrativas têm uma distância temporal de 80 anos. A primeira, um fragmento da adaptação de Orson Welles para o romance de H. G. Wells, *A guerra dos mundos* (1938), transmitido pelo rádio em outubro de 1938, levou milhares de pessoas ao desespero, nos Estados Unidos. A segunda, ocorrida em outubro de 2018, é um caso exemplar para a visão menos otimista das possibilidades abertas pelo *Whatsapp* como canal de comunicação. Mesmo separados por quase um século de história da mídia, os dois fatos trazem questionamentos semelhantes: por que as pessoas acreditam ou não nas informações que recebem pela mídia? Por que alguns desconfiam e outros compartilham, mesmo sem saber se são verdadeiras?

Neste texto, o objetivo é analisar o fenômeno a partir de uma pesquisa explicativa, bibliográfica e documental, na tentativa de aproximar dois momentos históricos da comunicação, provocando o diálogo entre autores que investigaram *A guerra dos mundos* e os que analisam as reações contemporâneas da audiência aos múltiplos canais de informação. Entende-se que o contexto de preocupação, em que se encontra o rádio em 1938, é semelhante ao atual ecossistema da mídia, no qual convivem os meios tradicionais e os novos canais. Agora, porém, a audiência tem em mãos alternativas de distribuição. Considera-se que há um deslocamento da confiança, até então depositada na mídia impressa e eletrônica, para narradores mais próximos, que podem ser os amigos ou os parentes. A apuração do fato pouco importa, ganhando relevância a distribuição em larga escala, chancelada por algum conhecido. Logo, a proposição do artigo é partir do período presente e retornar na história para reconstruir a trajetória contextual que nos traz dos anos 1930 até agora. E, com isso, analisar as possibilidades existentes, como se

desenvolveram e como o público se relacionou com elas, no diálogo permanente entre tecnologia e apropriação.

Na relação entre desordem informacional e pânico, há evidências que se repetem ao longo da história. Em fevereiro de 1949³, a encenação de *A guerra dos mundos* pela rádio Quito, no Equador, terminou com o estúdio da emissora incendiado pela população, que se revoltou ao descobrir que a “invasão marciana” não passava de ficção. Pelo menos seis pessoas morreram na confusão gerada nas instalações da emissora, onde também funcionava o jornal *El Comercio*. A emissora, a mais importante do país, ficou dois anos fora do ar. Em 1971⁴, ao comemorar o aniversário da rádio Difusora, de São Luís, Maranhão, uma transmissão de *A guerra dos mundos* transformou a rotina da cidade – como ocorrera 33 anos antes durante a emissão americana. Os relatos sobre as consequências da transmissão são conflitantes. No entanto, há registros de que o comércio do centro histórico de São Luís fechou as portas, pois as pessoas queriam retornar o quanto antes as suas casas para “morrer” ao lado dos familiares.

Já a distribuição de informações entre grupos de *Whatsapp* segue ocorrendo. Um exemplo a ser observado, que ocorreu em março de 2019, é o caso da boneca Momo que aparece, em vídeo, ensinando e incentivando crianças a cometerem suicídio. A mensagem em questão foi rapidamente compartilhada por redes de pais preocupados, pois tinha sido supostamente veiculada no site de vídeos *Youtube*, o que potencialmente teria atingido a audiência de muitas crianças. Mesmo depois do Google, proprietário do *Youtube*, ter negado que tal vídeo houvesse sido postado na rede, os pais seguiram compartilhando. Essa onda de mensagens, na prática, reforçou e amplificou um fato falso.

Desordem informacional e pânico são dois conceitos que podem caminhar juntos no entendimento da reflexão aqui proposta. Wardle e Derakhshan (2017) indicam, a partir da definição de desordem informacional, a soma de três tipos de ocorrências. A primeira, a própria desinformação, que reúne informações falsas, deliberadamente criadas com o propósito expresso de causar dano, e seus produtores agem por motivos políticos, financeiros, psicológicos ou sociais. Veja, a informação incorreta é falsa, mas não foi criada para causar dano, já a mal informação é a informação genuína compartilhada com o intuito de causar dano. Nos casos aqui citados, podemos indicar que há desinformação, uma vez que é registrada a produção de informações falsas. Mas não localizamos o propósito de causar dano, motivados por algum fim específico. Sendo assim, os casos são informações incorretas. No entanto, como estamos também relacionando ao contexto

histórico dos dois momentos escolhidos, vamos trabalhar com a ideia de desordem informacional. Nos dois períodos há um cenário desorganizado no que diz respeito à circulação de informações.

Essas desorganizações transformam-se, historicamente, em cenário fértil para disseminação do pânico a partir do compartilhamento de informações. Os conceitos de pânico, presentes em diferentes áreas da ciência, trazem elevado grau de complexidade. Para a reflexão aqui desenvolvida, será feita a escolha pela discussão em torno do pânico moral, especialmente no que diz respeito às reações desproporcionais frente à realidade, conforme apontam Goode e Ben-Yehuda (1994a) *apud* Machado (2004), entre outras características. As teorias do pânico moral colocam-se, conforme analisa Machado (2004), em posição paradoxal, simultaneamente realistas, ao assumirem um conhecimento sobre o grau real da ameaça, e em posição construcionista, quando enfatizam os processos pelos quais os fenômenos são definidos e se convertem em problemas públicos.

Machado (2004) cita os critérios definidos por Goode e Ben-Yehuda (1994a; 1994b): o exagero do problema, por parte dos que são seus porta-vozes, a inexistência de provas de que o problema seja de fato real, a desproporção entre a atenção prestada a uma condição, por comparação com a que se dá a outra, cujo dano causado não é menor, e o aumento brusco da atenção concedida a um tema, sem que tenha havido alterações na sua severidade objetiva. A autora, com o objetivo de revisar o conceito, conclui que o pânico moral não deve ser visto como uma erupção súbita de preocupação, mas antes como uma forma comunicacional endêmica na sociedade, com intensidade em locais e momentos específicos, diante de temas particulares. Os fenômenos de pânico moral assumem uma natureza essencialmente performativa, correspondendo a formas discursivas localizadas e transitórias, adaptadas ao objetivo de alcançar a visibilidade e a voz pública, através da difusão midiática.

No final do século XX, a ascensão da internet, capaz de interligar pessoas de forma global, ocorreu em consonância com a própria globalização. Mercados, pessoas e tecnologias pareciam caminhar em um movimento de integração e formar um tipo novo e aprimorado de organização social, denominada por Castells (2009) de sociedade em rede. A aplicação do conceito de redes à observação da sociedade acomodava os fenômenos decorrentes da vitória do capitalismo sobre o comunismo com a queda do muro de Berlim. Inovação como vetor de crescimento da economia, comunicação barata em

novas opções de mídia, criatividade e desregulamentação: a internet podia ser vista como um amálgama do espírito do tempo. Não por acaso, o ano de 1999 foi marcado pela tensão sobre o “bug do milênio”, que seria a possibilidade de sistemas informáticos entrarem em pane por conta da mudança dos últimos dois dígitos do ano, de 99 para 00.

Castells (2009) trata das redes em sentido amplo, e não apenas tecnológico: uma rede é um sistema de nós interconectados. E a sociedade em rede é uma organização baseada em fluxos de informação – conceito fundamental para a reflexão proposta no trecho:

Em razão da convergência da evolução histórica e da transformação tecnológica, entramos em um modelo genuinamente cultural de interação e organização social. Por isso é que a informação representa o principal ingrediente de nossa organização social, e os fluxos de mensagens e imagens entre as redes constituem o encadeamento básico de nossa estrutura social. (CASTELLS, 2009, p. 561)

Em um salto histórico, desde a definição de Castells (2009), a sociedade em rede chega aprofundada e transformada pelo desenvolvimento tecnológico. Ainda uma mera perspectiva no começo do século XXI, a internet móvel tornou ubíqua a comunicação em sites de redes sociais (SRS). Os fluxos de mensagens entre redes são ainda mais poderosos, especialmente na mais recente delas: o *Whatsapp*. A comunicação em grupos, em uma plataforma essencialmente de mensagens, dinamiza a interação e potencializa a troca de informação – e desinformação, com consequências imediatas na “vida real”.

Com 120 milhões de usuários no Brasil, e mais de 1,5 bilhão no mundo, o *Whatsapp* torna-se cada vez mais popular. Segundo pesquisa publicada em 2018 no *Digital News Report*, do *Reuters Institute*, 42% dos usuários de redes sociais tem acesso a ferramenta, ficando atrás apenas do *Facebook* que conta com 65% de usuários. A denominação de “site” de rede social soa estranha para se referir ao *Whatsapp*, porque foi criado como ferramenta de comunicação ponto-a-ponto (*peer-to-peer*). Em 2009, dois ex-funcionários do *Yahoo* criaram um *software* cujo propósito era facilitar e baratear a troca de mensagens entre celulares. As premissas eram interfaces simples, ausência de publicidade e sigilo (ROWAN, 2014). Ao ser comprado pelo *Facebook* por 19 bilhões em 2014, ficou claro que se tratava de um ambiente de comunicação em expansão, com potencial de mutação em relação ao objetivo inicial dos fundadores. Assim como se pode observar em outras redes, a exemplo do *Twitter*, a apropriação que os usuários

escolhem por realizar é a que delimita a real identidade do espaço comunicacional com as suas dinâmicas próprias.

Em quase uma década, o *software* adicionou uma série de evoluções. Uma das primeiras – a criação de grupos de usuários – é decisiva para torná-lo uma rede social, já que no *Whatsapp* é possível formar grupos de até 256 pessoas. Inicialmente, apenas o moderador podia adicionar membros; agora, é possível criar grupos abertos, nos quais os usuários entram clicando em um *link* de acesso. A repercussão tem sido tão intensa que, para conter a distribuição de notícias falsas, em janeiro de 2019, o *Whatsapp* limitou os reenvios de 20 para 5 destinatários. A iniciativa expande, a um nível global, o que já havia sido feito na Índia, após a disseminação de rumores em mídias sociais que levaram a assassinatos e tentativas de linchamento.

Os grupos são usados para reunir amigos e familiares, mas também usuários com interesses comuns: moradores do mesmo condomínio, frequentadores da mesma academia ou fãs dos mesmos assuntos. À moda dos chats públicos dos portais da primeira década dos anos 2000, é possível buscar em sites como o *Grupos de Zap*⁵ contato com grupos repletos de desconhecidos. E, uma vez em um grupo, o contato entre os membros é mais do que frequente: é instantâneo e ubíquo, já que o celular está sempre no bolso. Turkle (2011) chama a atenção para o estabelecimento de uma “vida dupla” dos atuais usuários de tecnologias móveis – em um nível que borra os limites entre o real e o virtual. Quando parte de sua vida é vivida em lugares virtuais – pode ser no *Second Life*, em um jogo de computador, em um site de rede social – uma relação problemática se desenvolve entre o que é verdade e o que é “verdade aqui”, verdade na simulação (TURKLE, 2011, p. 153).

Deuze (2013), por sua vez, descreve a relação simbiótica entre a tecnologia e o usuário apropriando-se da figura do zumbi – sintomaticamente, cada vez mais presente na cultura pop do terceiro milênio. O autor defende que a imersão na mídia é tão profunda que o usuário não a percebe. Isso porque as “experiências mediadas” são de tal forma multiplicadas que se fundem ao cotidiano. É a partir dessa transformação – de usuários em “escravos das máquinas” – que Deuze chega à ilustração.

Nós somos zumbis no sentido em que sucumbimos acéfalos ao chamado de nossos aparelhos; somos zumbis porque usamos as mídias de modos que apagam nossas distinções como indivíduos; gravamos e remixamos a nós mesmos e uns aos outros com as novas tecnologias e nossa

sociedade se zumbifica enquanto navegamos por ela – voluntariamente ou involuntariamente – aumentada por tecnologias de virtualização. (DEUZE, 2013, p. 114)

Apesar da figura escolhida, Deuze (2013) não vê necessariamente motivo para terror. Viver na mídia “como zumbi”, aponta, pode trazer oportunidades de outras formas de engajamento social. E, de qualquer maneira, fugir desse panorama é ilusório. “Vivemos na mídia para sempre”, define. Na obra *Redes de indignação e esperança* (2013), Castells aponta as mídias como um ambiente de transformação também político, a partir de protestos de massa como a Primavera Árabe e os movimentos *Occupy*. Para ele, as redes sociais e plataformas sem fio são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir. Porém, seu papel vai além ao permitir movimentos sem estrutura formal ou lideranças definidas – e passíveis de repressão facilitada pelos poderes constituídos.

Os sites de redes sociais são espaços vivos que conectam todas as dimensões da vida das pessoas. Esta é uma tendência importante para a sociedade em geral. Ela transforma a cultura ao induzir ao compartilhamento. Os usuários transcendem o tempo e o espaço, mas produzem conteúdo, estabelecem vínculos e conectam práticas. Temos agora um mundo permanentemente em rede em cada dimensão da experiência humana. (CASTELLS, 2013, p. 173)

Conectados pelo *Whatsapp*, usuários vivem o cenário descrito pelos autores e tornam a rede social também uma ferramenta para consumo de mídia. Segundo o *Reuters Institute*, o *Whatsapp* é usado para notícias por cerca de metade dos usuários de notícias on-line no Brasil (48%). Visto como um ambiente seguro e com menos controvérsias do que sites “abertos” como *Facebook* e *Twitter*, o “grupo de whats” é alternativa para a disseminação de notícias a qualquer momento, em um ciclo que não termina e nem começa, ambiente fértil para a desinformação. Líderes do grupo de pesquisa *First Draft*, Wardle e Derakhshan (2017) vêem nos aplicativos de mensagens a próxima fronteira da desinformação e apontam que o desafio óbvio de lidar com boatos e conteúdos fabricados nesses aplicativos é a impossibilidade de saber o que está sendo compartilhado.

No cenário brasileiro, muitas análises voltam-se para a disseminação de informações sobre política. Ortellado e Ribeiro (2018), professores de Políticas Públicas da Universidade de São Paulo (USP) e integrantes do Monitor do Debate Político no Meio Digital, apontam que a massificação do acesso à internet e a polarização do debate público criaram um ambiente propício para a difusão de conteúdos informacionais. São

confirmadas crenças previamente aceitas por usuários que se identificam com algum dos polos do debate. Assim, produzir esse tipo de conteúdo – verdadeiro ou não – tem um grande potencial de atração de audiência, seja com a intenção de convencimento ou de monetização.

Ortellado e Ribeiro (2018) descrevem que, no Brasil, as notícias falsas são difundidas principalmente por meio do *Facebook* e seus ecossistemas de páginas, sendo que os boatos se espalham, principalmente, por meio do *Whatsapp*. O aplicativo promove, segundo eles, a comunicação privada, o que o torna mais atrativo para a comunicação íntima. Além disso, a limitação no tamanho dos grupos reflete na forma mais distribuída e mais dependente do papel ativo do usuário para a difusão de informações.

Os pesquisadores indicam que, embora tenham elementos em comum, notícias falsas e boatos são fenômenos diferentes. Eles têm em comum o fato de tomarem mentiras ou especulações por verdades, mas, enquanto no boato o que dá credibilidade à mensagem é o testemunho (de ter tido acesso a uma verdade ocultada), na notícia falsa o que dá credibilidade à informação é o fato de supostamente ter passado por uma apuração jornalística. Há sempre a chancela de uma autoridade não verificável, então a notícia falsa se espalha muito rapidamente e com força.

Na mesma linha, se não está à mercê de ações de checagem de dados da mídia tradicional, o conteúdo distribuído pelo *Whatsapp* não carece de credibilidade para muitos usuários, em parte porque permitem e estimulam, como identificou Castells (2013), a mobilização. De outra parte, isso atende a características de propagabilidade, conforme a definição de Jenkins, Green e Ford (2014), como a controvérsia oportuna e a confirmação de visões de mundo. No conceito de propagabilidade, os autores fazem referência ao potencial, técnico e cultural, de os públicos compartilharem conteúdos por motivos próprios. Em alguns momentos, publicam com a permissão dos detentores dos direitos autorais. Em outros, contra o desejo deles. Os autores apontam que os sujeitos estão modelando ativamente os fluxos da mídia, mas isto não é explicado apenas pelo surgimento da infraestrutura tecnológica, ainda que as novas tecnologias desempenhem papel importantíssimo na viabilização das mudanças.

Jenkins, Green e Ford (2014) também analisam a mudança de distribuição para circulação como sinal de um movimento na direção do modelo mais participativo de cultura, em que o público não é mais visto como simplesmente um grupo de consumidores de

mensagens pré-construídas. As pessoas estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos, de maneiras que não poderiam ter sido imaginadas antes. “E estão fazendo isso não como indivíduos isolados, mas como integrantes de comunidades mais amplas e de redes que lhes permitem propagar conteúdos muito além de sua vizinhança geográfica”. (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 24)

A PROPAGABILIDADE NOS ANOS 1930

No final dos anos 1930, entretanto, a propagabilidade, no formato descrito por Jenkins, Green e Ford (2014), era impensável. Os sujeitos não tinham possibilidade de moldar ou compartilhar informações, o que, ao mesmo tempo, não os impedia de integrar e influenciar comunidades ou propagar conteúdo. O conceito de distribuição, a partir de um centro, se construía na mesma medida em que as tecnologias de informação se desenvolviam. O rádio, porém, tinha credibilidade junto ao público, de modo que moldar e reconfigurar informações poderia estar mais associado à produção de sentido a partir da recepção de mensagens. Por isso mesmo, sem conferir, muitos acreditaram na invasão marciana narrada por Welles. A ideia estabelece conexão com o pensamento de Jenkins, Green e Ford (2014) que retiram da tecnologia a total responsabilidade pela justificativa das transformações sociais relacionadas à mídia. Há, de fato, outros fatores que levam a acreditar e a construir redes de desinformação. O pânico provocado, paradoxalmente, pela popularidade do rádio, na ocasião, gerou muitas pesquisas empíricas sobre os meios de massa, transformando-se numa das principais tradições dos estudos norte-americanos de atitudes.

Uma das investigações sobre o impacto do programa, de autoria de Cantril (1985), concluía que o melhor meio de prevenção contra o pânico era a instrução. O pesquisador procurou investigar por que alguns haviam sido enganados e outros não, a situação estudada mostra como as pessoas agem em momentos de tensão. Um dos resultados obtidos por Cantril (1985) indica que é muito comum as pessoas prestarem atenção às notícias quando são de seu interesse. Dificilmente ouvem, no caso do rádio, os primeiros avisos. Por isso, mesmo aqueles que acompanhavam a transmissão desde o início, acreditaram na invasão dos marcianos.

Em seus estudos, o pesquisador fez uma divisão dos ouvintes em três grupos: os que comprovaram a verdadeira natureza da emissão, outros que compararam e consideraram extremamente fantástica para ser verdadeira e o terceiro, que chama mais atenção,

que comparou o programa com outras informações e seguiu acreditando que se tratava de um boletim de notícias. Por mais que olhassem pelas janelas ou telefonassem aos vizinhos e soubessem que a situação era inalterada, as informações que obtinham apenas corroboravam com seus pensamentos. Imaginavam que a tragédia ainda não havia chegado ao seu bairro. Um quarto grupo ficou tão aterrorizado que em nenhum momento lhes ocorreu fazer qualquer pergunta em torno da transmissão radiofônica.

Cantril (1985) indica que diversas influências e circunstâncias condicionaram a situação de pânico. Além das características de personalidade que conferiam a alguns indivíduos certa inclinação à credulidade e ao medo, a influência de outras pessoas também foi causa de reações. Condições psicológicas, aponta o pesquisador, podem criar na pessoa um estado mental denominado sugestibilidade, quando os indivíduos relacionam um determinado estímulo a uma ou várias referências que considerem relevantes para interpretação. Independente da motivação, Cantril (1985) ressalta, no caso do rádio, em 1938, o fato de muitos já possuírem um contexto no qual situaram imediatamente aquele estímulo. Outras condições de sugestão, cita o autor, ocorrem quando o indivíduo tenta comparar suas informações, mas o faz com dados não confiáveis. Tal atitude pode, na perspectiva aqui proposta, ser comparada às informações distribuídas por grupos de *Whatsapp*. A confiabilidade das fontes de confirmação é, normalmente, relativa.

Outro aspecto também citado por Cantril (1985) é o universo mental carente de referências estáveis, mediante as quais pudesse ser avaliado o programa transmitido pelo rádio. Nos anos 1930, a população americana vivia sob inquietação econômica, após o período de depressão que durou aproximadamente dez anos e, em seu fim, muitos encontravam-se desempregados. A invasão marciana, portanto, servia perfeitamente com a sequência de misteriosos acontecimentos da década. O rádio despontava como novidade tecnológica da comunicação, relembra Haussen (1998), e começava a ter suas características exploradas, sendo um elemento comum utilizado para a mobilização das massas, fosse por Hitler, na Alemanha, Mussolini, na Itália, ou Roosevelt, nos Estados Unidos.

Haussen (1998) descreve que, no caso brasileiro, e nos demais países latino-americanos, o surgimento e a sedimentação do rádio coincide com o período de construção destas nações, momento em que o discurso político se voltava para o nacionalismo. A autora interroga, em 1998, se o rádio manteria a mesma possibilidade de mobilização,

especialmente por estar inserido em uma realidade totalmente diversa, a da “sociedade da informação”.

Uma sociedade em que a convergência entre tecnologias anteriormente isoladas – o telefone, o rádio, a TV e o computador – apoiadas em satélites, fibras óticas, cabos etc, permite a expansão quase infinita de canais e de utilizações para a comunicação. Uma sociedade em que a tendência é a de uso cada vez mais fragmentado e individualista dos meios de comunicação. (HAUSSEN, 1998, p. 87)

Mais uma vez, as questões contextuais mostram-se relevantes no conjunto de fatores que levam a acreditar em uma informação e gerar pânico. Na reflexão de Haussen (1998), em uma distância de análise de 20 anos, as transformações tecnológicas já se mostram claras. O cenário de referências, no entanto, era diferente em 1998. Quando a autora questiona as possibilidades ainda de mobilização do rádio, poderíamos entender que a comunicação se transformava, mas não havia um contexto intenso de sugestibilidade. A construção neste texto é de que os fenômenos analisados dependem de um conjunto de fatores, envolvendo o ecossistema da mídia e aspectos sociais, paradoxalmente, favoráveis ao pânico.

Cantril (1982), no prefácio da edição de 1966, escreve que, desde a publicação do livro *A invasão de Marte*, em 1940, perguntam se o mesmo fenômeno registrado em 1938 poderia ocorrer novamente. Os questionadores, segundo ele, partem do princípio de que, nos anos 1960, a sociedade se tornou muito mais sofisticada para acreditar em algo tão fantasioso. No entanto, a resposta de Cantril (1982) vem sendo sempre a mesma: sim, isso pode acontecer novamente hoje e em escala ainda mais extensiva. Ele salienta que a pesquisa feita a respeito da transmissão radiofônica não se localiza apenas em um tempo ou lugar em particular, mas busca, a partir de um episódio do comportamento humano, trazido por um padrão de circunstâncias, fornecer uma matriz de estudos para compreender condutas de alta sugestão. As conclusões do pesquisador atualizam-se quando apontam para a coexistência de condições, que podem variar em épocas diferentes.

A POSSIBILIDADE TECNOLÓGICA DE PROPAGAR

Do contexto social às possibilidades tecnológicas, aliadas às motivações para gerar pânico a partir da desordem informacional e sugestibilidade do público, muitas foram as transformações do cenário e dos canais de distribuição e circulação. Entendemos que,

em consonância com o pensamento de Jenkins, Green e Ford (2014), no ecossistema da mídia, todas são categorias relacionadas. Por isso, é relevante descrever o ambiente e as transformações específicas da tecnologia, uma vez que nesta relação também ocorre a produção de sentido das informações que estamos aqui analisando. Os autores enfatizam que a abordagem proposta em Cultura da Conexão não supõe que as novas plataformas liberem as pessoas de velhas limitações. Mas, sim, sugere que as facilidades da mídia digital funcionam como catalisadoras para a reconceituação de outros aspectos da cultura, exigindo que sejam repensadas as relações sociais.

O rádio, como meio de transmissão, foi arquitetado em volta da tecnologia *wireless* (sem-fio), o que potencializou um ganho de escala na audiência de forma exponencial. O telégrafo, que no começo dependia de fios, era uma opção de comunicação ponto-a-ponto. Guardadas as proporções, poderia ser chamado de embrião do *Whatsapp*. O problema da *last mile* (última milha) era enfrentado também por tecnologias como telefones com fios em um cenário em que a comunicação entre cidades vinha de cabos ao longo das estradas. No entanto, quando chegavam às cidades ou na *last mile* precisavam ser multiplicados por infinitos pontos para atender as residências. Neste sentido, a tecnologia *wireless* elimina completamente o problema da *last mile* e potencializa a comunicação com um esforço bem menor de infraestrutura. O rádio inaugurou isso e, por este motivo, teve uma rápida adoção, principalmente depois da invenção e produção em massa do transistor, outra tecnologia decisiva para sua expansão.

Com a internet, se especulava que algo potencialmente grande em escala poderia se formar com a eliminação da *last mile*. Os primeiros telefones celulares passaram a levar comunicação para lugares remotos da África, onde nunca houve volume econômico para viabilizar comunicações com fios. Um dos primeiros pesquisadores a entender e descrever este potencial foi Rheingold (2003) quando observou adolescentes se comunicando com mensagens de texto no Japão e na Finlândia, lugares que já tinham maturidade de infraestrutura de uso na época. Rheingold (2003) observou que estes adolescentes conectavam-se de diferentes partes da cidade e rapidamente se encontravam em lugares, como em *shopping centers*. Mais tarde, vemos estes fenômenos, como *FlashMobs*, se proliferando da mesma forma. Estes eventos eram caracterizados por uma organização sem um centro ou origem definida. Alguma ação esporádica era combinada em um ponto da cidade e minutos depois se dispersava.

Estavam claras as evidências de que as redes sociais, em caráter de mobilidade física no espaço das cidades, possuíam elementos únicos e de desdobramentos potencialmente intensos. No começo dos anos 2000, os aparelhos celulares aos poucos iam ganhando *hardwares* mais poderosos, que suportavam os primeiros *softwares* embarcados. Os sistemas operacionais *Symbian* (Nokia), *Pocket PC* (Microsoft), *Palm* e outros vários fechados das próprias empresas tornavam este mercado uma miríade de possibilidades sem haver, contudo, uma comunicação padrão entre eles. Neste sentido, o lançamento do *Whatsapp* foi extremamente oportuno, pois suportava os diversos aparelhos da época.

No final dos anos 2000, com o começo das plataformas iOS (Apple) e Android (Google), os *smartphones* começaram a ganhar usuários e muitos seguiram usando o *Whatsapp* nestas novas plataformas. Outro ponto a destacar é que o *Whatsapp* tornou-se alternativa, pois usava o pacote de dados, que paulatinamente foi tendo o preço reduzido, num contexto em que as mensagens de texto eram cobradas individualmente. Portanto, esta plataforma não era necessariamente a melhor, mas a mais eficiente para se comunicar com diversas pessoas, em diferentes aparelhos e de forma econômica. Dessa forma, criou-se um modelo de tirar proveito, em grande escala, como o que Rheingold (2003) vislumbrava. A decorrente evolução se deu naturalmente pela expansão de usuários de *smartphones*, que deve chegar a 2.5 bilhões em 2019⁶.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A GUERRA CONTEMPORÂNEA

Oitenta anos após o pânico generalizado por conta da transmissão radiofônica de *A Guerra dos Mundos*, informações falsas distribuídas por um canal novo como o *Whatsapp* causam preocupação. Se, em 1938, ouvintes norte-americanos consideraram possível uma invasão marciana, ao acompanharem a partir da metade a dramatização feita no rádio, em 2018, moradores do bairro Mário Quintana também acreditaram na existência de monstros. No início do século XX, o choque de aceleradas descobertas científicas e o medo da guerra alimentam o temor; 100 anos depois, a violência urbana crescente é um dos ingredientes mais importantes neste processo, e que leva a referências mentais pouco estáveis.

Mas é preciso questionar se terá sido o único. A conexão ubíqua, que chama à mobilização apontada por Castells (2013), e a imersão profunda, simbiótica e zumbi descrita por Deuze (2013) também podem exercer o papel de potencializar a desinformação e seus efeitos. O próprio Castells (2018) muda o tom em sua última obra, *Ruptura* (2018).

[...] mensagens de todo tipo formam uma onda bravia e multiforme, os bots multiplicam e difundem imagens e frases lapidares aos milhares, e o mundo da pós-verdade, do qual a mídia tradicional acaba participando, transforma a incerteza na única verdade confiável: a minha, a de cada um. A fragmentação da mensagem e a ambiguidade da comunicação remetem a emoções únicas e pessoais constantemente realimentadas por estratégias de destruição da esperança. (CASTELLS, 2018, p. 275)

Ao questionar a eficácia da democracia liberal, Castells (2018) hoje vê a sociedade em rede sob ótica mais sombria. Se antes defendia que a horizontalidade das redes favorece a cooperação e a solidariedade ao mesmo tempo em que reduz a necessidade de liderança formal, demonstra preocupação com o enfraquecimento do sistema político e de suas lideranças formais, alvos de uma dinâmica de questionamento destrutivo do status quo, por milhares de fragmentos de mensagens, carregados por fluxos cada vez mais intensos e caóticos. Nesse cenário fértil para a desordem informacional, a preocupação é que episódios de confusão generalizada ao estilo *A guerra dos mundos* - relidos pela tensão do bairro Mario Quintana - sejam o novo normal.

Estudiosos que refletiram sobre a obra, naquele momento, entendem que a instrução é a melhor prevenção contra o pânico. Isso deve ser frisado, visto que, em momentos de tensão, os sujeitos voltam-se apenas para as notícias de seu interesse. Agindo assim, as pessoas acabam por conviver em um mesmo ecossistema em que fatores como a sugestibilidade e um universo mental carente de referências estáveis coexistem.

Quando este texto se encontrava em fase de revisão, a ideia de propagação do pânico pelas mensagens distribuídas por *Whatsapp* ficava na fronteira entre dois cenários, considerando-se também o caráter dinâmico da observação dos fenômenos. De uma parte, poderia ser uma questão pontual, relacionada ao período eleitoral brasileiro, marcado pelo contexto do segundo semestre de 2018, ápice de um desdobramento intenso dos anos anteriores no cenário nacional. Assim, a explicação ficaria mais próxima da análise do fenômeno de 1938: o contexto era propício para acreditar em informações não verdadeiras e conseqüentemente navegar pela situação de pânico. De outra, a evidência de que um novo modelo, associado ao compartilhamento desenfreado entre grupos com proximidade pessoal, estava surgindo e se consolidando como alternativa de informação, a exemplo do episódio da boneca Momo, em 2019. Dificilmente, em qualquer investigação nas ciências sociais, é adequado ser tão assertivo e afirmar que se trata desta ou daquela tendência, exclusivamente.

Se buscarmos o pensamento de Cantril (1985), por exemplo, para análise dos acontecimentos cotidianos descritos via *Whatsapp*, observaremos que, no excesso de informação, o público está buscando aquilo que mais lhe interessa. Se, na transmissão radiofônica, na primeira metade do século XX, só prestaram atenção quando o programa já avançava, na metade do século XXI direcionam seu foco às ameaças sobre suas famílias. São acontecimentos historicamente muito distantes, mas que podem tornar-se próximos por conta exatamente dos modelos de distribuição e circulação. Se uma invasão marciana é totalmente inverossímil, o rapto de crianças e vídeos no *Youtube*, que incentivam algumas práticas, são realidade. No caso do bairro Mario Quintana, havia fatos relacionados. Nos anos 1930, após a depressão econômica, a população americana vivia a tentativa de reorganização, tendo o rádio como um fenômeno tecnológico controverso e estranho aos hábitos da época, mas já usado para mobilização das massas.

O foco da análise se volta também para os canais e a credibilidade que carregam. Nos anos 1930, o rádio era um canal central, mas o comportamento da comunidade era indicador de pânico. Por mais que conferissem, alguns seguiam aterrorizados, já que percebiam os mais próximos na mesma situação. O que a tecnologia fez, em seu desenvolvimento, neste cenário, foi resolver o problema da última milha para distribuição de canais de produção e recepção. Com isso, a exemplo do que antecipou Rheingold (2003), começa um processo simultâneo de produção, recepção e compartilhamento individual e coletivo de informações. Se o rádio ocupou espaço importante, na atual crise de confiança há uma transferência para parentes e amigos.

Como indicado anteriormente, em uma análise da natureza aqui proposta, o fenômeno descrito pode ser explicado por muitas variáveis. Entretanto, a influência, a partir da comunidade em que estão inseridos, além das referências contextuais estáveis ou não, são fatores determinantes para a informação ou desinformação dos sujeitos e, especialmente, para acreditarem e entrarem em pânico. Nos anos 1930 ou nos anos 2000 é a movimentação do grupo, a sugestibilidade, construída a partir das referências nas quais se encaixam os estímulos que levam a acreditar na invasão marciana, na prisão de um suspeito ou na influência de uma boneca em vídeo, coincidindo com a análise de Cantril (1982) sobre a possível repetição do pânico de 1938. A tecnologia, de sua parte, convive neste cenário e amplia as possibilidades. Como pensam os autores aqui citados, entre otimismo ou pessimismo, os sujeitos vivem na mídia, de maneira individual e coletiva.

Conectam-se a sites que tornam-se espaços vivos e tocam todas as dimensões das suas vidas.

Observa-se, nesse movimento, um ciclo transformado no diálogo com a mídia. Não há começo e nem fim, a informação encontra o público a qualquer momento, em qualquer lugar. O processo que determina a desordem informacional e o pânico é, na mesma medida, o que proporciona as conexões sociais significativas, a vida em comunidade, a solidariedade em momentos difíceis, num cruzamento intenso entre tecnologia e sociedade. O ecossistema, de certa forma, parece em desequilíbrio se comparado com os períodos em que havia um centro distribuidor, a partir do qual conhecíamos o que estava sendo colocado em circulação. Isto não impediu, ao mesmo tempo, o pânico em 1938, nos Estados Unidos ou nas situações vividas no Equador ou no Maranhão. Os fluxos naquele momento e hoje foram intensos e caóticos. Na década de 1930 também se desconhecia o que estava circulando, quando analisamos o motivo real do pânico, ao ver as pessoas desesperadas pelas ruas, e o conseqüente sentido produzido pela informação. Conhecer o conteúdo, a partir do centro que o distribuiu, certamente, não é saber o sentido que está sendo produzido junto ao público e isto serve para um fenômeno ocorrido há 80 anos ou mesmo no século XXI.

REFERÊNCIAS

AIRES, Anderson. Manifestantes depredam ônibus no bairro Mário Quintana após boato de tentativa de sequestro. *Gaúcha ZH*, Porto Alegre, dia mês. 23 out. 2018.

Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2018/10/manifestantes-depredam-onibus-no-bairro-mario-quintana-apos-boato-de-tentativa-de-sequestro-cjnmh4yki07ol01pivqkye06n.html>. Acesso em: 10 jan. 2019.

CANTRIL, Hadley. *The invasion from Mars: a study in the psychology of panic*. Princeton: Princeton University Press, 1982.

CANTRIL, Hadley. La invasión desde Marte. In: MORAGAS, Miquel (org.). *Sociología de la comunicación de masas*. II. Estructura, funciones y efectos. Barcelona: Gustavo Gili, 1985. p. 91-110.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2009.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel. *Ruptura: A crise da democracia liberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018 [edição Kindle].

- DEUZE, Mark. Viver como um zumbi na mídia (é o único meio de sobreviver). *Revista Matrizes*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 113-129, 2013.
- FERREIRA, Victor. **Apocalipse ou enganação**: o que foi o Bug do Milênio? *Uol*, São Paulo, 20 ago. 2017. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2017/08/20/apocalipse-ou-enganacao-o-que-foi-o-bug-do-milenio.htm>. Acesso em: 12 jan.2019.
- HAUSSEN, Doris. O poder de mobilização do rádio. In: MEDITSCH, Eduardo. **Rádio e Pânico**. A guerra dos mundos 60 anos depois. Florianópolis: Insular, 1998. p. 81-88.
- JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.
- MACHADO, Carla. Pânico moral: para uma revisão do conceito. *Interações: Sociedade e as novas modernidades*, Coimbra, v. 4, n. 7, p. 60-80, 2004.
- NEWMAN, Nic et al. **Reuters Institute Digital News Report 2018**. Oxford: Reuters Institute, 2018.
- ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Marcio Moretto. Polarização e desinformação online no Brasil. *Friedrich-Ebert-Stiftung Brasil*, São Paulo, n. 44, p. 1-9, 2018.
- RHEINGOLD, Howard. **Smart Mobs**. Cambridge: Perseus Publishing, 2003.
- ROWAN, David. Whatsapp: The inside story. *Wired*, Londres, 19 fev. 2014. Business. Disponível em: <http://www.wired.co.uk/article/Whatsapp-exclusive>. Acesso em: 28 jun. 2018.
- Script A Guerra dos mundos. MEDITSCH, Eduardo. **Rádio e Pânico**. A guerra dos mundos 60 anos depois. Florianópolis: Insular, 1998, p. 197-237.
- TURKLE, Sherry. **Alone Together: Why We Expect More From Technology And Less From Each Other**. New York: Hachette Book Group, 2011.
- WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Estrasburgo: Council of Europe, 2017.

NOTAS

- 1 O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.
- 2 The present work was carried out with the support of the Coordination of Improvement of Personnel Higher Level – Brazil (CAPES) – Financing Code 001.
- 3 DUARTE, Alec. Adaptação de “A Guerra dos Mundos” no Equador teve ao menos 6 mortos. *G1*, São Paulo, 26 out. 2011. Pop & Arte. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/10/adaptacao-de-guerra-dos-mundos-no-equador-teve-ao-menos-6-mortos.html>. Acesso em: 15 jan. 2019.
- 4 DUARTE, Alec. Programa de rádio que causou pânico no Maranhão faz 40 anos. *G1*, São Paulo, 26 out. 2011. Pop & Arte. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/10/programa-de-radio-que-causou->

panico-no-maranhao-faz-40-anos.html. Acesso em: 15 jan. 2019.

- 5 GETLAYER. **Grupos de WhatsApp**, 2017. Página Inicial. Disponível em: gruposdezap.com. Acesso em: 20 já. 2019.
- 6 **Projeção Statista**. STATISTA. Statista: Global No. 1 Business Data Platform. Telecommunications. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/330695/number-of-smartphone-users-worldwide/>. Acesso em: 20 jan. 2019.

Artigo recebido em: 29 de abril de 2019.

Artigo aceito em: 27 de maio 2020.